CONTRIBUIÇÕES LUCKACIANAS E GRAMSCIANA SOBRE A EDUCAÇÃO PARA CLASSE TRABALHADORA ENQUANTO ESTRATÉGIA DE ENFRETAMENTO AO CONSERVADORISMO

CONTRIBUTIONS LUCKACIANAS AND GRAMSCIANA ABOUT EDUCATION WORKING CLASS WHILE STRATEGY IN CONFRONTATION CONSERVATISM

Ingridy Lammonikelly da Silva Lima[1]

Débora Spotorno Moreira Machado Ferreira[2]

Angely Dias da Cunha [3]

Resumo:

O presente ensaio é uma provocação teórico filosófica embasada em Lukács e Gramsci acerca da educação, traçando reflexões para pensamos sobre o processo de conscientização da classe trabalhadora. Em um contexto de aprofundamento das desigualdades sociais, de globalização, da exploração capitalista, de mercantilização exponencial das relações sociais, de descarte da vida humana, com avanço do conservadorismo em tempos de ultraneoliberalismo, a educação se constituir como um meio necessário para a luta de classe. Ao leitor ficará a impressão de aproximação ao debate e objetiva-se despertar o interesse pelo aprofundamento na leitura cuidadosa das obras nas quais aqui nos embasamos. Trata-se de uma revisão literária, ancorada no materialismo-histórico-dialético.

Palavras chaves: Educação. Classe Trabalhadora. Ontologia.

Abstract: The presente essay it's one theoretical provacation philosophical grouded in Lukács e Gramsci about gives education, tracing reflections for we think about process in working class awareness. In a context in deepening of the social differences, of globalization, of capitalista exploitation, of exponential commodification, off discard of human life, white advance of conservatism in times in ultra-neoliberalism, the education if constitutes as a kinda necessary for class struggle. To The will stay the impressssion approach to debate and objectify awakening the interest by deepening in reading careful of the construction in wihch here we base. It's about of a literary review, anchored at the dialectical-historical-materialism.

Keywords: Education. Working class. Ontology.

[1] Bacharel e Mestra em Serviço Social pela Universidade Federal da Paraíba. Doutoranda em Serviço Social pelo Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Bolsista CAPES. E-mail: ingridylima17@gmail.com

[2] Assistente social do IFF campus Macaé, mestra em Serviço Social pela UFJF e doutoranda Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. E-mail: deboraspotorno@gmail.com

[3] Bacharel em Serviço Social pela Universidade Estadual da Paraíba. Mestra em Serviço Social pela Universidade Federal da Paraíba. Doutoranda em Serviço Social pelo Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. E-mail: angelydias@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Em tempos de reatualização do conservadorismo em uma perspectiva ampliada que podemos denominar de ultraconservadorismo, tratar dos fundamentos teóricos que embasam reflexões acerca da educação enquanto estratégia de enfretamento da classe trabalhadora, desvela não apenas uma escolha necessária aos pesquisadores, mas também para organização política contra hegemônica ao capital.

Nesse sentido, as construções que serão aqui desenvolvidas partem de uma concepção de mundo específica e ao leitor cabe considerar que as ponderações que serão por ele aqui encontradas dizem respeito às percepções do espectro marxista.

Apoiando-nos em autores desse berço teórico, filosófico e prático a escolha por Lukács e Gramsci também não foi despropositada. Decorre, inicialmente, da identidade que possuímos com os respectivos teóricos e da necessidade que encontraram de, ao pensar no avanço do conservadorismo sobre a educação, buscar alternativas de enfrentamento a este projeto de sociedade ultra neoliberal.

Nesse contexto de aprofundamento das desigualdades sociais, de globalização da exploração capitalista, de mercantilização exponencial das relações sociais e de descarte da vida humana, a educação pode se constituir como um meio necessário para a luta. Dizemos pode, e não afirmamos que assim o será, pois, na perspectiva histórica dialética crítica, a contradição é característica evidente da forma como as relações sociais se estabelecem na sociedade de classes.

Assim, a educação, como veremos, tem potencial revolucionário, mas pode ser, e vem assim se constituindo, um espaço de consolidação e reforço das condições de classe, da alienação dos trabalhadores e de manutenção da hegemonia burguesa, nas dadas condições do capitalismo.

Os autores que apresentaremos considerações acerca da educação na perspectiva emancipatória contribuem, no cenário atual, para provocar incômodos e reflexões, como também para apresentar possibilidades reais e concretas de superação desse sistema capitalista.

Longe de utopismos otimistas, mas também optando por nos distanciar de fatalismos pessimistas, construímos breves reflexões que possam levar os leitores a

pensar de que lado estão na história. Especialmente considerando aqueles que atuam e pensam sobre a educação, propomos uma leitura cuidadosa desse ensaio de maneira a evitarem passar por essas breves páginas sem construir sua própria auto crítica e quiçá desejar aprofundar-se nas obras aqui indicadas.

Não cabe a nós esgotar o assunto da educação para a classe trabalhadora, muito menos foi-nos possível trazer reflexões específicas acerca da política de educação do Brasil, apesar de confessarmos ter sido esse um esforço um tanto quanto desafiador. Isso porque é a nós impossível não estabelecer vinculações imediatas com o que vivemos nessa política diariamente, em especial nos últimos anos.

O desmonte do investimento público, a construção no senso comum de desvalorização da ciência e da pesquisa, as propostas de privatização da educação pública, o discurso ideológico burguês de desvalorização do ensino público, em especial do superior, os altos índices de evasão das escolas de educação básica, a dificuldade de manutenção das universidades e escolas federais; são alguns dos exemplos de precarização da educação e de construção de ideologias antidemocráticas e ainda mais alienantes.

Realidade essa que expressa a essencialidade de estabelecermos uma reflexão teórica acerca do que os autores da corrente marxista pensam acerca da educação e do quanto essa pode ser um caminho para construção de novas hegemonias. Sabemos, entretanto, que a saída não é por um caminho individual, não está sob a responsabilidade de apenas uma política, sabemos ainda que a educação está para além daquela que formalmente se garante nas instituições de ensino. Apesar disso acreditamos na educação enquanto capaz de contribuir com processo de construção da consciência, assim como com à emancipação.

Diante disso, esse artigo oriundo de pesquisa bibliográfica busca em um primeiro momento apresentar um debate conceitual com base nas contribuições do Luckács no tocante à educação e o enfrentamento ao conservadorismo, no segundo momento apresentar as contribuições do Gramsci sobre a educação enquanto estratégia na formação intelectual da classe trabalhadora., Por fim, conclusivamente, tercemos algumas considerações ao debate.

2. Aspectos ontológicos da educação para enfrentamento ao conservadorismo

A compreensão da Educação enquanto um complexo social tem seu fundamento no entendimento do Trabalho como categoria central, da qual se desenvolve e institui relação com as demais categorias posta na realidade social.

A atribuição desse lugar privilegiado, que entroniza o Trabalho como sendo elementar para a compreensão das demais categorias, se justifica pela sua natureza interposta entre o ser orgânico e inorgânico, dada no salto ontológico que possibilita a relação entre os homens e a natureza, mediada pelo distanciamento das barreiras naturais, que embora não extermine o ser orgânico das relações dos sujeitos.

> [...] poder-se-ia legitimamente perguntar por que, ao tratar desse complexo, colocamos o acento exatamente no trabalho e lhe atribuímos um lugar tão privilegiado no processo e no salto da gênese do ser social. A resposta, em termos ontológicos, é mais simples do que possa parecer à primeira vista: todas as outras categorias dessa forma de ser têm já, em essência, um caráter puramente social; suas propriedades e seus modos de operar socialmente se desdobram do ser social já constituído; quaisquer manifestações delas, ainda que sejam muito primitivas, pressupõem o salto como já acontecido [...]. (LUKÁCS, 2013, p. 44).

É no pôr teleológico do trabalho que emergem as demais categorias postas na realidade social. A linguagem, a ciência, a educação, são elementares do momento teleológico, da apreensão do conhecimento no processo de transformação da natureza e de transformação do próprio o homem, dando o caráter social à este momento.

O processo desenvolvido após o pôr teleológico primário, originário do trabalho é fundamentado no desenrolar de pores teleológicos secundários, de ordem social, adquirido através da consciência coletiva da necessidade de práxis humana.

Estabelece entre o Trabalho e os complexos sociais (classes sociais, relações sociais, divisão do trabalho, educação) uma relação, em que o primeiro desenvolve e efetiva o segundo, mediante as necessidades sociais, adquiridas no domínio dos homens sobre a natureza. (MACENO, 2017).

Estaria assim, os complexos sociais, ligados ao momento da reprodução social. Entretanto, não são postos desarticulados da totalidade social e exteriores ao ser social, são constitutivos do pôr teleológico primário, que é o Trabalho. É apenas sobre

o domínio da natureza, que as novas necessidades sociais emergem, se ampliam e se modificam, constituindo os sujeitos, como sujeitos sociais.

Desta forma, refletindo sobre a Educação, como um complexo social, dada mediante a necessidade de apreensão de novas habilidades, de caráter social, sua função está em generalizar as ações dos sujeitos em sujeitos sociais. Aqui estaria a diferença entre uma educação articulada ao trabalho, e uma "educação" desenvolvida pelos animais. Na primeira, o caráter é puramente social, enquanto na segunda, a sua função é biológica. Isso porque, o desenvolvimento dos animais se restringe à sua natureza biológica, já, nos homens, supera essa sua dimensão, o "[...] essencial da educação dos homens, pelo contrário, consiste em capacitá-los a reagir adequadamente aos acontecimentos e às situações novas e imprevisíveis que vierem a ocorrer depois em sua vida". (LUKÁCS, 2013, p. 176).

A educação, assim, é elaborada em uma dupla perspectiva: no sentido estrito e no sentido amplo. No sentindo estrito, refere-se ao conhecimento do qual a sociedade necessita para se reproduzir em sociedade, de forma consciente e orientada. Já no sentido amplo, essa transmissão de conhecimento acaba sendo propagada de forma espontânea e, por isso, Lukács (2013) afirma que nem sempre os homens se depararam com circunstâncias semelhantes às que foram fundamentadas pela educação no sentido estrito.

Nas palavras do Lukács (2013, p. 178):

> A problemática da educação remete ao problema sobre o qual está fundada: sua essência consiste em influenciar os homens no sentido de reagirem as novas alternativas de vida de modo socialmente intencionado. O fato de essa intenção se realizar – parcialmente – de modo ininterrupto ajuda a manter a continuidade na mudança da reprodução do ser social; que ela, a longo prazo, fracasse – parcialmente – de modo igualmente ininterrupto constitui o reflexo psíquico não só do fato de essa reprodução se efetuar de modo desigual, de ela produzir constantemente momentos novos e contraditórios para os quais a educação mais consciente possível de seus fins só consegue preparar insatisfatoriamente, mas também do fato de que, nesses momentos novos, ganha expressão – de modo desigual e contraditório – o desenvolvimento objetivo em que o ser social se eleva a um patamar superior em sua reprodução.

A forma estrita e ampla dá corpo a Educação enquanto complexo social e servem de chave explicativa para entendemos o desenvolvimento dela como elemento para o desenvolvimento do ser social no processo de reprodução.

As análises interpretativas de Maceno (2017) sobre o complexo social da Educação em Lukács, explica que o desdobramento da composição restrita e ampla se relaciona com as necessidades dos indivíduos ao se afastarem das barreiras biológicas, quando passam a dominar os processos de transformação da natureza. Dessa relação nasce novas relações sociais, pois nem a natureza, nem os homens são mais os mesmos.

Assim, a educação em sentido restrito estaria atrelada a essa necessidade, descrita por Lukács (2013) de socialização do acúmulo de conhecimentos e habilidades, oriundas do processo de trabalho, ou seja, como elaborações conscientes que necessitam ser transmitidas para que haja continuidade na reprodução social. Na sociedade de classes, esse sentido de transmissão de conhecimento da Educação estrita em seu sentido ontológico é apropriado para servir ao processo de reprodução de determinado modelo de sociedade, que nesse caso é a sociedade capitalista. Por isso, as escolas constroem uma educação formal, orientada a desenvolver uma formação no seu sentido estrito, com foco nas habilidades e conhecimentos que possam contribuir com a reprodução dos interesses da sociedade de classes, materializando-se, assim, por meio da educação formal-abstrata.

As formas elementares do complexo social da Educação, tanto em seu sentido restrito, quanto em seu sentido amplo, acompanham a complexificação da sociedade, isto é, o desenvolvimento social, econômico e político, barganhados por interesses diversos.

Em seu sentido amplo, a Educação é mediada por ações de espontaneidade, o que a impede de alcançar, assim como a educação em sentido estrito, a transmissão de conhecimentos e habilidades: “[...] devido a sua essência espontânea e ao seu baixo grau de consciência”. (MACENO, 2017, p. 1000).

Embora Lukács não tenha deixado uma teoria sobre a educação, sua tese central de desenvolvimento da ontologia do ser social, possibilita importantes chaves para compreensão da função social de complexos sociais que, fundamentados pelo Trabalho, possuem finalidades no desenvolvimento das forças produtivas, na qual os sujeitos sociais formam e são formados.

As reflexões Lukasciana possibilita-nos estabelecer cadeias elementares para a existência humana, em seu sentido mais social, uma vez que ao se afastar do seu

campo meramente biológico, o homem (ser social), cria necessidades sociais, tanto para si, quanto para a própria natureza. Para que haja uma continuação neste processo de produção e reprodução é necessário a socialização, transmissão de conhecimentos e habilidades adquiridos na mediação estabelecida entre pensar e transformar a realidade.

O alcance da sociabilidade capitalista institui uma educação estrita que possa subsidiar suas relações. Sem dúvidas, sua instituição reproduz sua face de expropriação dos/as trabalhadoras do acesso a uma socialização genérica do conhecer de cunho emancipatório. Na verdade, para além da formação técnica para o trabalho, sobre e égide da reprodução capitalista, os diversos segmentos populacionais, como descrito por Marx no “O Capital”, o exército industrial de reserva também encontra espaço na apreensão da educação estrita na sociedade de classes.

A educação para a classe trabalhadora, nas dadas condições impostas pela sociedade capitalista possui objetivo de formação e qualificação para o mercado de trabalho, desde aqueles que estão na efetivação deste processo, quanto os que se encontram fora dele, mais que, havendo a possibilidade de inserção no ciclo produtivo do capital, possa ser nele inserido.

Ademais, quando refletimos com os escritos de Lukács sobre o falseamento da realidade, enaltecida pela própria razão formal abstrata e pelo irracionalismo, constatamos o campo das inalações ideológicas de reprodução das relações capitalistas, que falseiam a realidade social e reproduzem por meio de uma educação restrita do tipo formal, uma realidade deturpada do seu sentido ontológico, emancipador.

A alienação da qual se fundamenta a sociedade burguesa, por meio do trabalho, faz com que todos os complexos que delem derivam, também estejam sobre essa condição. Por isso, a Educação não pode ser vista como um meio fim de superação da problemática central da sociedade capitalista, tão pouco sua função estaria difusa, ao contrário, sua função no modelo societário que vivemos, encontra na desigualdade social sua forma de ser. Nesse sentido, não é uma disfunção do sistema que haja disparidades no acesso a educação e na forma como é ofertada. Essas disparidades evidenciam, exatamente, a sua face na sociedade de classes.

Assim, é na sociedade de classe que a educação é compreendida enquanto um espaço de disputa de diferentes projetos societários. Com o intuito da manutenção

da alienação, a classe dominante fortalece um modelo formal de educação voltado para o mercado de trabalho com base na reprodução do conservadorismo enquanto estratégia política para manutenção do *status quo*.

Diante disso, o conservadorismo se apresenta como ideologia dominante cuja finalidade é a reprodução dos valores capitalista sob o direcionamento das pautas moralistas, do combate ao pensamento crítico, estando alicerçado no negacionismo da ciência e de qualquer perspectiva de educação emancipatória. Em síntese: ao passo em que efetiva um conjunto de ideias reacionárias, legitima todo processo de desmonte dos direitos sociais, desregulamenta o mundo do trabalho e garante a superexploração do trabalho alienado.

Nós temos do Luckács somente a superação desse trabalho alienado e explorado, capturado pela lógica capitalista, traria condições para pensar a educação e as ideologias burguesas em seu sentido ontológico, que apesar de não deixar de existir, é sobreposto sobre a preponderância da forma econômica. Mesmo as ações educacionais que não estão sobre a égide da ação estatal burguesa, são corporificadas pela influência da formar organizativa do capitalismo.

Evidentemente a Educação, enquanto um complexo social que estabelece mediações entre os sujeitos e a sociedade, possui papel elementar na disputa de classe pela derrocada do modelo societário no qual vivemos. Sua superação implica na superação de todos as complexificações que se materializam através da propriedade privada dos meios de produção e do trabalho explorado, alienado.

O caminho apontado por Lukács, como discípulo de Marx, encontra-se na superação da sociedade capitalista e construção de uma nova sociedade, em que a função social dos complexos sociais, ontológicos, entre eles a educação e as ideologias, esteja dada no desenvolvimento das potencialidades humanas e políticas.

Portanto, a educação enquanto complexo social está articulada ao trabalho na medida em que os homens na transformação da natureza constroem novos conhecimentos que são reproduzidos em sociedade. Assim, ela é entendida do ponto de vista ontológico, mas também destinada para formação intelectual quando mediada pela escola. Nessa discussão apresentaremos as contribuições de Antônio Gramsci.

3. A Formação Intelectual Da Classe Trabalhadora: Uma Discussão Necessária No Diálogo Com Gramsci

Quando pensamos a formação intelectual da classe trabalhadora Gramsci apresenta-se como um exímio contribuidor no que diz respeito à perspectiva crítica. Contribuindo com as reflexões já apresentadas do Lukács, o referido autor trás elementos também do escopo teórico marxistas, com reflexões específicas acerca da educação dos subalternos. Essa perspectiva acrescenta ao debate um potencial de qualificação para a essencial luta de classes.

Sabemos que é urgente construí uma nova hegemonia, mas para isso é preciso os intelectuais orgânicos da classe trabalhadora, a articulação das massas, superar o senso comum e alcançar o bom senso, romper com predominância folclóricas[4] e alienantes e construir uma filosofia da emancipação, buscando propostas concretas e reais para uma sociedade emancipada.

Nas obras de Gramsci em especial nos cadernos do cárcere, o autor constrói um diálogo com filósofos de seu tempo. Nessa interlocução Gramsci destaca elementos que, apesar de contextualizados histórica e geograficamente, precisam ser resgatados no debate da política de educação por aqueles que defendem uma sociedade verdadeiramente livre e sem exploração de classes. Gramsci é um defensor árduo da educação, mesmo que não principalmente a formal, mas também ela, como a mais eficaz alternativa para a elevação da classe trabalhadora de uma *consciência de si* para uma *consciência para si*.

Como marxista, o autor não separa a história da filosofia. Na sua concepção os homens são “os artífices conscientes da história, e não os joguetes da fatalidade, na medida em que seus princípios, isto é, os seus ideais, centelhas que brotam das lutas sociais, são precisamente estímulos à práxis que, mediante a sua ação, se subverte” (1999, p. 88).

Mesmo sem separá-los faz questão de diferenciar o que é histórico, da filosofia ou reflexão teórica acerca do real. Na medida em que, por mais que a filosofia se

[4] Em Gramsci a ideologia constrói-se em 4 dimensões: sendo comum, folclore, bom senso e filosofia da práxis. Os elementos folclóricos são todas as concepções de mundo engessadas, superficiais, desorganizadas, baseadas em mitos e superstições. O autor, entretanto, não ignora nem menospreza essa dimensão da vida intelectual humana que segundo ele existem em todos os homens, desde os homens massa até os intelectuais mais desenvolvidos filosoficamente falando. Nesse sentido a compreensão das visões folclóricas de mundo dos homens pode auxiliar na construção de uma concepção de mundo mais organizada, desenvolvida e fundamentada que seria o bom senso e até mesmo contribuir para o mais elevado nível crítico que seria a filosofia da práxis.

baseie na história, o que é histórico é sempre o certo, o que é efetivo e, assim, está presente nos documentos, nos escritos, nos registros, nas artes, na arquitetura, no real. A filosofia, por sua vez, converte o certo no verdadeiro. Esse processo precisa ser dialético e materialista para que não seja idealista ou sem correspondência com o real.

Logo, para que as concepções filosóficas de verdade não sejam imanentes é preciso que elas se baseiem nas certezas históricas, é preciso que as abstrações estejam fincadas nas suas expressões concretas reais. Isso porque, “Uma das maiores debilidades das filosofias imanentistas em geral consiste precisamente em não terem sabido criar uma unidade ideológica entre o baixo e o alto, entre o “simples” e os intelectuais” (GRAMSCI, 1999, p. 99).

Entendendo que para Gramsci todos os homens são filósofos, fica ainda mais claro essa necessidade. Isso porque, o que leva o autor a essa afirmação é sua compreensão de dois tipos de filosofia: uma como espontânea, que contem ou está contida na própria linguagem[5] e no fato de os homens pensarem, da qual, segundo o autor, resulta o senso comum, a religião popular e/ou o folclore (e que de certa forma se dá de maneira inconsciente), e, outra, a filosofia crítica, que precisa se articular com a práxis[6], que leva a criação de um novo senso comum, chamado por ele de *bom senso*, chegando à *filosofia da práxis*.

A linguagem[7] na obra de Gramsci ganha um proposital destaque, ela se transforma na medida em que a civilização se transforma e assume metaforicamente as palavras das culturas precedentes diante do florescimento de novas classes para a formação de novas culturas. O autor defende que as massas devem elevar seu conhecimento linguístico como forma de favorecer alternativas e leituras críticas de

[5] Gramsci dá uma enorme importância à linguagem. Para ele ela contém inclusive o potencial para se entender as concepções de mundo de uma dada sociedade e é o avanço dessa linguagem em termos de capacidade de interpretação cultural que colabora na construção de hegemonias. Segundo o autor quanto maior o alcance da linguagem adotada por uma civilização, mais complexa em termos de concepção de mundo essa sociedade é. Nesse sentido o autor contribui: “(...) uma grande cultura pode traduzir-se na língua de uma outra grande cultura, isto é, uma grande língua nacional, historicamente rica e complexa, pode traduzir qualquer outra grande cultura, ou seja, ser uma expressão mundial. Mas como dialeto não é possível fazer a mesma coisa” (GRAMSCI, 1999, p. 95).

[6] A práxis em Gramsci (1999) se realiza no estudo da história concreta e na atividade atual para criar uma nova história.

[7] Quando uma nova concepção de mundo sucede a anterior, a linguagem antiga continua a ser usada, mas dotada de novos significados e, por isso, para o autor, a história da semântica acaba por conter a história da cultura, uma vez que a linguagem é *uma coisa viva das civilizações passadas*.

sua condição de subalternidade; e os estudos (formais), acabam sendo um caminho de possibilitar tal elevação.

Para o autor, o *senso comum* não é único e idêntico no tempo e no espaço, o que ele tem de característico em todos os tempos históricos (mesmo que variável em seus elementos), é que se baseia em uma concepção de mundo "desagregada, incoerente, inconsequente, conforme a posição social e cultural das multidões das quais ele é a filosofia" (GRAMSCI, 1999, p. 114). Nele predominam elementos supersticiosos. Entretanto, estes, precisam ser observados, compreendidos e até mesmo aceitos para ser possível construir um novo senso comum pois, apesar de contraditório, multiforme e fragmentado, eles têm, ao longo da história, se constituindo como verdade para determinados grupos sociais, em especial para as massas.

Por isso, a desconstrução dessas "verdades" do senso comum, precisa partir da compreensão delas. Logo, Gramsci jamais ignorou os elementos folclóricos das massas, deixando-nos mais um precioso ensinamento que precisa fazer parte das nossas propostas de educação para classe trabalhadora no cenário atual.

Assim como a importância da história para a filosofia, também é conferido destaque à política como esfera que direciona na escolha e crítica de concepções de mundo. Nesse sentido, o autor defende um diálogo dos intelectuais que trabalham diretamente na elevação do senso comum com os "simples" uma vez que são neles que encontramos a fonte do que precisa ser estudado, resolvido e/ou enfrentado. É só nesse contato que a filosofia se torna verdadeiramente histórica "depura-se dos elementos intelectualistas da natureza individual e se transforma em 'vida'" (GRAMSCI, 1999 p. 100).

Uma filosofia crítica, que deve ser a base da formação da classe trabalhadora, só pode se apresentar como uma crítica ao senso comum, por meio dessa relação entre ambos (filosofia e senso comum) que é assegurada pela política. A filosofia da *práxis* busca elevar as classes subalternizadas de uma concepção de mundo primitiva a uma concepção de vida superior. Essa elevação, proveniente do contato dos intelectuais com as massas, possibilita que o progresso intelectual não seja só de um pequeno grupo, mas das massas como um todo.

O autor aponta que a direção das massas precisa considerar as suas próprias inovações e formas de organização, o que permite que suas concepções acerca desse processo sejam aplicáveis aos tempos atuais, uma vez que ela respeita o

desenvolvimento e os avanços históricos dessa massa de trabalhadores: “se o subalterno era ontem uma coisa, hoje não o é mais: tornou-se uma pessoa histórica, um protagonista; se ontem era irresponsável, já que era “resistente” a uma vontade estranha, hoje sente-se responsável, já que não é mais resistente(...)” (GRAMSCI, 1999, p. 106). Logo tanto o subalterno do tempo de Gramsci não é o mesmo do passado, quanto a nossa “classe subalterna” atual não é a mesma da sua época. Tal forma de pensar evidencia seu materialismo histórico dialético e torna seu pensamento atual.

Além disso, o autor apresenta apontamentos objetivos acerca do que é necessário a qualquer movimento cultural que pretenda superar o senso comum e as concepções de mundo arcaicas:

> 1) Não se cansar jamais de repetir o próprio argumento (variando literalmente a sua forma) **[haja criatividade]**: a repetição é o meio didático mais eficaz para agir sobre a mentalidade popular; 2) trabalhar de modo incessante para elevar intelectualmente camadas populares cada vez mais vastas, isto é, para dar personalidade ao amorfo elemento de massa, o que significa trabalhar na criação de elites de intelectuais de novo tipo que surjam diretamente das massas e que permaneçam em contato com ela para se tornarem seus “espartilhos”. Esta segunda necessidade quando satisfeita é que realmente modifica o “panorama ideológico” de uma época **[acréscimo nosso]** (GRAMSCI, 1999, p. 110).

A esse respeito importa destacar que a repetição que o autor trata não é a mesma que pode ser usada (e é) pelas classes burguesas de inculcar suas concepções de mundo de maneira acrítica. A repetição defendida por Gramsci não se descola da elevação da intelectualidade das massas, nem de seu projeto de formação de intelectuais que delas surjam e a elas mantenham-se vinculados, situação essa que, conforme ele mesmo diz, uma vez satisfeita, modifica, de fato, a realidade.

Da compreensão aqui apresentada podemos afirmar que a formação de ideologias que visem a hegemonia deve se dar em espaços coletivos e não individuais, ser desenvolvida por grupos, sindicatos e partidos. Devem ser iniciativas desses espaços de representação. Assim é possível estabelecer uma ligação estreita entre as massas, o partido, o grupo dirigente e o movimentar do “homem-coletivo”.

Exemplos claros para o autor de espaços que promovem essa formação de ideologias são a igreja e a escola por serem as maiores organizações culturais em todo mundo dada a quantidade de pessoas que as utilizam. Uma das críticas do autor é inclusive acerca da distância que via das universidades com as massas pois,

segundo ele, aquelas não exercem um papel unificador e os intelectuais ainda estão distantes das massas populares (problema que, infelizmente, ainda enfrentamos).

Um outro ponto central na obra de Gramsci é a sua apresentação da categoria superestrutura que é onde para ele se dá inclusive a educação das massas e nela desenvolvem-se determinadas formas de consciência social. Apesar de suas obras darem um destaque à superestrutura o autor é taxativo ao deixar claro que, o principal, na definição, inclusive, da superestrutura, é a estrutura, ou seja, a base econômica, o modo de produção capitalista. Para ele são as determinações estruturais que influenciam as relações superestruturais, as quais, entende, são resultado da estrutura, mas, também, sobre ela exercem influência para alterá-la, em um processo evidentemente dialético. Um dos elementos superestruturais que é destaque na teoria gramsciana é a cultura que sofre direta influência do e sobre o processo educativo.

Por isso, a educação é tão essencial e apesar de não ser apenas aquela que se oferece nas escolas formais, também essas são, cada vez mais, essenciais para se unificar e formar a classe trabalhadora. É preciso elevar o nível de estudo dos trabalhadores, é preciso que eles entendam, mesmo que minimamente, os processos vividos em seu tempo histórico, se percebam como trabalhador, se identifiquem como explorados e se reconheçam enquanto classe. É urgente que eles entendam que são os responsáveis pela produção de toda riqueza e que ela é, contraditoriamente, coletivamente realizada e privadamente apropriada e usufruída.

Essa compreensão por mais que para alguns intelectuais seja óbvia é distante do alcance dos trabalhadores e é papel da escola assumir, também e principalmente, esse esforço crítico-reflexivo, compreendendo que as práticas pedagógicas devem ser apreendidas no amplo processo da luta de classes. Por isso, as relações pedagógicas estão para além das escolares, inclusive as que na escola se desenvolvem, pois toda relação de hegemonia é, necessariamente, pedagógica.

Por meio da leitura cuidadosa e aprofundada da obra de Gramsci encontramos apontamentos concretos e objetivos acerca da construção de uma nova hegemonia para superação da sociedade capitalista e a educação tem papel de destaque nessa função por ser por meio dela que as relações sociais se fortalecem na perspectiva da luta de classes. É a educação (e aqui entendendo não apenas a que se constrói nas escolas, mas nos mais variados espaços coletivos entre eles os sindicatos, os

movimentos sociais e as fábricas) espaço privilegiado da filosofia da práxis, das elaborações críticas, da consciência dos subalternizados, da superação do capital.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como considerações, apesar de não termos a pretensão de esgotar o tema, buscamos trazer uma reflexão crítica apresentando contribuições de autores do marxismo sobre a educação e sua relação ontológica com o ser social, sobretudo enquanto estratégia para o enfretamento ao conservadorismo quando esta encontra-se voltada para construção da emancipação por meio da formação da classe trabalhadora. Ficamos, nesse momento, com o compromisso de assumir academicamente a responsabilidade com o aprofundamento do debate apresentados, assim como abrimos possibilidades para outras produções que busquem a continuidade da temática.

Assim, a título de provocações finais resta-nos incitar o leitor a aguçar sua curiosidade sobre as obras de Lukács e Gramsci e de nelas buscar especialmente as contribuições dos autores para a árdua e incansável tarefa de educar as classes trabalhadoras na perspectiva de contribuir com a superação do capital.

Apresentando que a educação ofertada atualmente no mundo, na sociedade capitalista, atende aos interesses de manutenção da desigualdade de classes e da exploração de uns poucos hegemonicamente dominantes sobre a maioria subalternizada. Por se constitui como espaço de disputa, também se apresenta como possibilidade para construção da emancipação política e humana. Portanto, é nessa contradição que a educação, materializada nas escolas, se apresentam como aparelho de hegemonia, reproduzindo um modelo restrito e alienante que não possibilita aos educandos a compreensão de sua condição de explorado. Entretanto não nos cabe apenas essa percepção, incumbe-nos apresentar as alternativas para o enfrentamento a essa condição e sua superação.

Nisso compreendemos o papel da educação na potencialização e materialização das alternativas para esse enfrentamento. Ela se constrói libertadora por se desenvolver no âmbito da luta de classes e ser construída em todos os espaços de maneira a desenvolver a práxis revolucionária podendo resultar em um caminho de construção de novas concepções de mundo que, percebendo-se a dimensão

estrutural de organização da produção e reprodução da vida concreta, sejam capazes de estabelecer relações entre os indivíduos da classe trabalhadora de modo a cria sua identidade e consciência e assim colocá-los em luta contra sua dominação.

REFERÊNCIAS

GRAMSCI, A. Caderno 11. Introdução ao estudo da filosofia. In: GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. v. 1. Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Edição C. N. Coutinho, M. A. Nogueira e Henriques, L. S. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. (p.75 a p. 225).

_____. Caderno 10 (1932-1935). A filosofia de Benedetto Croce. In: GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. v. 1. Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Edição C. N. Coutinho, M. A. Nogueira e Henriques, L. S. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. (p.398 a p. 411).

LUKÁCS, G. **Para uma Ontologia do ser social II**. Tradução Nélio Schneider, Ivo Tonet, Ronaldo Vielmi Fortes. 1ªed. São Paulo: Boitempo, 2013.

MACENO, T. E. **Educação e reprodução social**: a perspectiva da crítica marxista. São Paulo: Instituto Lukács, 2017.

MARX, K. **O Capital:** crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.